



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: SISTEMATIZAÇÃO DE
AULAS DO CONTEÚDO LUTAS A PARTIR DE CONCEPÇÕES
CRÍTICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

NATAL – RN
2016

RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: SISTEMATIZAÇÃO DE
AULAS DO CONTEÚDO LUTAS A PARTIR DE CONCEPÇÕES
CRÍTICAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua dos Santos

NATAL – RN
2016

RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE

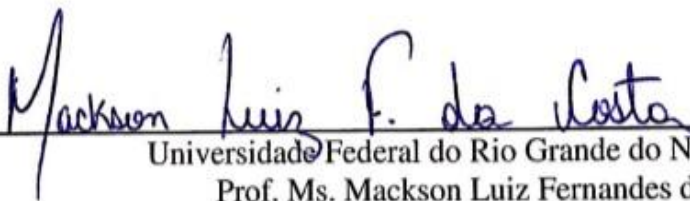
Trabalho de Conclusão de Curso II intitulado “Educação Física no ensino médio: sistematização de aulas do conteúdo lutas a partir de concepções críticas na prática pedagógica” apresentado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Aprovada em: 12/12/16.

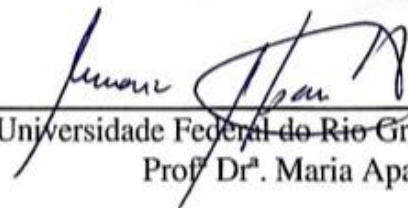
BANCA EXAMINADORA



Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua dos Santos



Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Prof. Ms. Mackson Luiz Fernandes da Costa



Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Prof. Dr.ª Maria Aparecida Dias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências da Saúde - CCS

Leite, Rafaella de Oliveira.

Educação Física no Ensino Médio: sistematização de aulas do conteúdo lutas a partir de concepções críticas na prática pedagógica / Rafaella de Oliveira Leite. - Natal, 2016.
54f.: il.

Orientador: Antônio de Pádua dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Graduação em Nutrição) - Departamento de Educação Física. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Educação Física - TCC. 2. Ensino Médio - TCC. 3. Lutas - TCC. 4. Práticas pedagógicas - TCC. I. Santos, Antônio de Pádua dos. II. Título.

Dedico este trabalho especialmente a minha família, a meu pai Romulo Leite e minha mãe Salete Maria, que com todas as dificuldades e estresses da vida, sempre me orientaram da melhor maneira possível e nunca deixaram de me apoiar em tudo que ocorresse.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu querido e grandioso pai Deus, que por vários momentos da minha vida e caminhada não me deixou desistir, que diante dos problemas e estresses sempre cuidou de mim, me deu a paciência necessária e me fez acreditar no meu potencial. Maravilhoso Deus que neste caminho repleto de alegrias e incertezas me deu forças para chegar até aqui.

A todos meus familiares, principalmente meus pais e irmãos que dividiram comigo a alegria de conseguir entrar na UFRN e agora concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica, a vocês serei eternamente grata, Salete (mãe), Rômulo (pai), Felipe (Irmão) e Fernanda (Irmã).

Ao meu querido grupo e amigas queridas que a Odontologia meu deu, ao qual sempre me apoiaram e por vezes me orientaram diante dos momentos da vida.

Ao meu colega e supervisor de estágio prof. Ivanaldo que me incentivou e não me fez “deixar para amanhã o que pode fazer hoje”, concluindo assim meu trabalho.

A minha querida amiga Ana ao qual sempre estive disponível e me ajudou bastante nessa etapa de vida acadêmica.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Antônio de Pádua do Santos por todo carinho, preocupação, paciência, pelas palavras de incentivo, por se mostrar disponível e pelas inúmeras correções significativas ao meu trabalho.

A todos os professores que contribuem e acreditam na luta por uma Educação Física mais comprometida e preocupada com o aprendizado de seus alunos.

E por fim, aos meus colegas de turma, Educação Física 2016.2, por todo amor exalado a essa linda profissão!

*“Tu és um bom, bom pai,
É quem tu és, é quem tu és, é quem tu és
Sou amado por ti
É quem eu sou, é quem eu sou, é quem
eu sou”*

(Tiago Sugihara)

RESUMO

Este relato de experiência é um trabalho final de conclusão do Curso da Graduação em Educação Física Licenciatura, seu objetivo é descrever a experiência de uma sistematização de aulas com foco no ensino das lutas, numa concepção de ensino aberta, para alunos do ensino médio, com o intuito de propor novas possibilidades do ensino desta modalidade no contexto da Educação Física escolar e tentar mostrar aos professores de Educação Física escolar que é possível, por meio de uma metodologia aberta, aliar as lutas ao ensino, de modo que os valores culturais, cognitivos sejam transmitidos aos alunos da mesma forma que habilidades motoras o são, preparando os alunos para a vida. Para Hildebrandt (2005), nas situações didática e pedagógica da Educação Física deveria dar lugar a ludicidade, estimulando a criatividade de professores e alunos, possibilitando novas descobertas, reformulando certezas, para percebê-las e o sentir por meio do brincar. A experiência demonstrou como a luta (wrestling) pode ser utilizado de forma lúdica, sem ter que escolher os alunos mais ágeis, mais habilidosos, ou seja, a exigir deles talentos, tendo que superar os seus limites, mas sim, que sejam pessoas de sua cultura e da sociedade a qual estejam participando e atuando no seu desenvolvimento integral. Acredita-se que se o ensino com metodologia aberta - seja com aplicação de aulas de lutas ou não - for realizado seguindo esses preceitos irá contribuir para uma educação e aprendizado mais significativo para os jovens do ensino médio. Assim, serão capazes de perceber o quão abrangente é o ensino das lutas, não baseado somente na aplicação de técnicas, mas principalmente ao significado que o esporte trás para vida deles e pela transformação do ser humano. Como também o quanto é importante nas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-Chave: Educação Física. Ensino Médio. Lutas. Ensino Aberto.

ABSTRACT

This report of experience is a final work of conclusion of the Undergraduate Course in Physical Education Degree and aims to describe the experience of a systematization of teaching classes of struggles with open teaching conception in high school, with the aim of proposing new possibilities Of the teaching of this modality in the context of the School Physical Education, at the same time that it tries to instill in the teachers of Physical Education school that it is possible, through an open methodology, to ally the struggles to the teaching so that the cultural, cognitive values are transmitted To students in the same way that motor skills are, preparing students for life. For Hildebrandt (2005), in the didactic and pedagogical situations of Physical Education should give way to playfulness, stimulating the creativity of teachers and students, making possible new discoveries, reformulating certainties, to perceive them and to feel them through play. Experience has shown how wrestling can be used in a playful way, without having to choose the more agile, more skillful students, that is, to demand their talents, having to overcome their limits, but Their culture and the society to which they are participating and acting in their integral development. It is believed that if teaching with open methodology - whether through the application of classes of struggles or not - is carried out following these precepts will contribute to a more meaningful education and learning for high school youth. Thus, these young people will be able to perceive how comprehensive the teaching of the struggles is, not based on this, only in the application of techniques, but mainly to the meaning that the sport brings to their lives and the transformation of the human being. How important is their participation in School Physical Education classes.

Keywords: Physical Education. High school. Fights. Open Teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	16
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO TIPO DE PESQUISA	16
2.2 AMOSTRA	16
2.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	17
2.4 ANÁLISE DOS DADOS	17
3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	18
3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO	21
3.2 SISTEMATIZAÇÃO DE AULAS NO ENSINO MÉDIO	21
3.3 LUTAS COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	26
4 RELATÓRIO DAS PRÁTICAS	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	376
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Existe, na atualidade, uma falta de interesse por parte dos alunos a sua participação nas atividades de Educação Física no ambiente escolar e esse é um fator deverasmente preocupante. (MILLEN NETO et. al., 2010, p. 4). Num momento em que a sociedade passa por uma transformação em sua forma de vida, onde o uso das “máquinas” tem sido uma constante no dia-a-dia da população, favorecendo o aparecimento de doenças de diversos tipos - em virtude de sua inércia - urge a necessidade de se implantar um método dinâmico – principalmente no âmbito escolar – onde tudo começa, com vistas a incutir nos jovens a importância do “movimento”, já que um “corpo ocioso” não produz energia e assim sendo, acaba por se “apagar”.

Essa nova forma de vida – onde computador, celular, Iphone dentre outros – “roubam” a atenção dos jovens faz com estes se tornem ociosos perdendo o interesse por qualquer outra atividade, principalmente se esta não possuir alguma “manobra” que venha a lhes provocar interesse. Diante do exposto esta pesquisa se propõe a um relato de experiência entre alunos do ensino médio – por meio de uma sistematização de aulas, numa concepção de ensino aberta, cujo conteúdo abordado se refere as lutas, enfatizando a importância e benefícios destas para o desenvolvimento psicomotor dos adolescentes.

Com base em uma definição sobre concepção aberta de ensino, tem-se que, segundo Hildebrandt-Stramann; Laging (1986, p. 11) “a aula é um processo de interação social entre professor e alunos, assim como entre alunos. Tal processo envolve determinadas ações e significados que devem ser construídos conjuntamente - o que é chamado de ‘co-decisão’”.

Hildebrandt-Stramann; Laging (1986) trazem ainda uma proposta de concepção aberta que se caracteriza quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e formas de transmitir os conhecimentos. Eles afirmam que o grau de abertura que o professor deve oferecer depende do grau de possibilidade de co-decisão. Ou seja, as possibilidades de decisões dos alunos são determinadas pela decisão prévia do professor. De acordo com Oliveira (1977, p. 22) a concepção de aulas abertas tem como objetivo “trabalhar o mundo do movimento em sua amplitude e complexidade com a intenção de proporcionar aos participantes, autonomia para a capacidade de ação”, tendo como base o “mundo do movimento e suas relações com os outros” em cujo processo avaliativo se “privilegia a avaliação do processo ensino-aprendizagem”. Assim, o sujeito deve ser capaz de ser autônomo e é isto que a concepção de ensino aberta idealiza. Um indivíduo crítico, capaz de expor suas próprias opiniões e conhecimentos já prévios para sua própria formação.

Quando se trabalha com uma concepção de ensino fechada, a qual torna as aulas repetitivas, desmotivantes, sem inovações e algo que não venha a deter a atenção dos alunos, está-se dando abertura a ocorrer a evasão, que como já citado é fato comum nas aulas de Educação Física escolar. (TENÓRIO; SILVA, 2015, p. 27).

Nesse sentido Betti; Zuliani (2002, p. 74) destacam que essa situação gera um questionamento da atual prática pedagógica da Educação Física escolar por parte dos próprios alunos que, não vendo mais significado na disciplina, desinteressam-se e forçam situações de dispensa.

Assim, é importante que se faça uma reflexão para uma possibilidade de mudança das aulas, mudança na metodologia aplicada pelos professores que hoje em dia segue uma padronização esportivista, a atual geração dos alunos. E como cita Freire (1996, p. 23) “não há docência sem discência”, os alunos devem estar motivados o suficiente para participarem das aulas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio (2000, p. [1]) os alunos frequentam muitas vezes de forma descompromissada o que está sendo ensinado, constatando que não têm o resultado que desejam. Logo, a evasão dos alunos das aulas é fator indesejável para os profissionais havendo um empobrecimento do trabalho do professor de Educação Física. Dessa forma, a LDB nº 9.394/96 nos aponta as finalidades do Ensino Médio, que seria o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental preparando o aluno para o trabalho e a cidadania, o desenvolvimento de habilidades como continuar a aprender, autonomia intelectual, pensamento crítico, entre outros. E assim a aproximação desses objetivos com a Educação Física nos faz perceber que a saída para esse impasse seria a mudança desta realidade.

A ideia para desenvolvimento desta pesquisa surgiu pela inquietação em descobrir qual seria a realidade da Educação Física na visão dos estudantes, com a pretensão de encontrar meios para mudar a realidade vivida por estes nesse novo “contexto social”, para isso, desenvolvendo novas propostas de aulas, um algo diferente de forma a fazer despertar o seu interesse – por meio de uma nova metodologia - para assim, diminuir a evasão dos alunos, visto que a “fuga” é o que mais ocorre nas aulas desta disciplina no âmbito escolar. Assim sendo, procura-se entender o que seria essa nova proposta de aula, a qual foge dos gestos estereotipados, conforme destaca Melles (2000).

A experiência, que foi desenvolvida no Centro Educacional Maristella, localizado à Cidade de Natal-RN fez perceber que é possível desenvolver novas estratégias de ensino,

resgatando assim o interesse por parte dos alunos ao mostrar, tanto para eles quanto para os professores, a importância, o benefício e sobretudo, a qualidade das aulas de Educação Física.

Neste relato, o conteúdo proposto fará referência as Lutas, mais especificamente a Luta Olímpica ou Wrestling. Foi possível perceber o quanto essa modalidade está sendo difundida por entre as mídias e redes sociais no Brasil e no mundo atualmente. Ela tomou um espaço enorme nunca visto anteriormente e sua grande audiência é motivo de muitas pesquisas e debates. Os jovens de hoje estão cada vez mais interessados em conhecer mais sobre as lutas a partir do que eles veem pela tv e internet, proporcionando um interesse maior para a prática. Um exemplo dessa fama das lutas na mídia é visto hoje quando falamos em MMA (Mistura de Artes Marciais). O evento que envolve a competição dessa modalidade de luta é um show/espetáculo pronto que gera muito interesse do público, proporcionando fantásticas batalhas exibidas mundialmente. “Com exceção do futebol, no Brasil o único esporte que vende muitas cotas de pay-per-view é o MMA” (PAIVA, 2009, p. 67).

Além de toda essa midiaticização das lutas, esse conteúdo proporciona vários pontos positivos para se trabalhar na Educação Física escolar. No caso desse estudo, com o Ensino Médio os alunos são bastante agressivos, não tem disciplina e respeito ao outro. E o objetivo seria justamente esse, de trabalhar o respeito, o respeito ao outro, o seguimento de regras.

A prática de lutas nas escolas tem como principais objetivos levar ao educando a compreensão acerca do ato de lutar – portanto vale enfatizar para estes sobre o “porquê lutar”, com quem ou contra quem se deve “lutar”, ou ainda contra “o que” se deve lutar, fazendo-os entender sobre a vivência de lutas no contexto escolar – fazendo um parâmetro sobre “luta e violência”, ao mesmo tempo em que lhes proporciona além de “momentos propícios à apreciação e reflexão sobre as lutas e a mídia, com a análise de dados acerca da realidade das relações positivas e negativas com relação a prática das lutas e a violência na adolescência – o que diz respeito esse último a “luta como defesa pessoal e não para “arrumar briga”. (FERREIRA; INÁCIO, 2012, p. 4)

Logo, esse estudo tem como norte, ou objetivo principal trazer essa prática à realidade da escola com vistas a analisar e vivenciar até que ponto a aplicação da concepção de ensino aberta no Ensino Médio contribuiria para o melhor rendimento dos alunos, empregando para isso como metodologia – a prática de lutas – e em seguida avaliando as suas reações no momento das atividades. As referidas reflexões dizem respeito, portanto aos objetivos específicos deste trabalho, quais sejam: o que a concepção aberta traz de pontos positivos para esses alunos, bem como para os professores, sendo analisados o seu comportamento no momento da explanação do assunto, como também da prática desenvolvida; aplicar uma nova

metodologia no momento das práticas, enfatizando a diferença entre esta e a anteriormente aplicada, bem como influenciar os alunos a serem mais autônomos e críticos e demonstrar como a Educação Física escolar influencia nessa fase de adolescência do Ensino médio.

A ideia é fazer com que os professores percebam que esse método de ensino é o melhor para os alunos – já que por meio deste terão total autonomia e poder de decisão - ao mesmo tempo que, enquanto mediador, os direcionem para o que se procura trabalhar.

Aproveitar os conhecimentos adquiridos por eles é uma boa alternativa para que compreendam melhor, dentro da sua realidade, o que quer se passar. O professor também tem de ser preparado para ser capaz de questionar os alunos, propondo alternativas de ações e sobretudo inquietações.

Para tanto este trabalho que se divide em cinco capítulos, sendo o primeiro ~~destes~~ esta Introdução.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada aquando da elaboração deste trabalho enfatizando os tipos e a importância dos métodos empregados para a coleta de dados apresentando o público escolhido para sua amostragem, os instrumentos a serem utilizados para tal, bem como a forma como se dará a análise dos dados (ou respostas) coletados. Num primeiro momento o desenvolvimento dessa primeira etapa deu por meio de uma revisão de literatura – ou pesquisa bibliográfica, que ocorreu entre materiais dos tipos impresso e virtual: livros, revistas, trabalhos acadêmicos, sites de educação e outros, buscando trabalhos publicados por autores como: Silveira; Córdova, (2012); Chizzotti (1995); Costa (2015); Rondinelli, [2000]; Piaget [2000]; LDB/96; Brasil (1997); Brasil (2016); Lei 5.692 - Lei das Diretrizes e Bases da Educação; Paula; Fylyk (2008); Cool; Palácios; Marquesi (1995) e outros. Num segundo momento achou-se por bem fazer uso de outra ferramenta metodológica - a pesquisa-ação, a qual compreende identificar um problema dentro de um contexto social e/ou institucional levantando dados relativos a este, ao mesmo tempo analisando a significação dos dados pelos participantes, identificando sobre uma possível necessidade de mudança e levantando possíveis soluções por meio de uma intervenção com vistas a aliar pesquisa e ação. Segundo Chizzotti (1995, citado por COSTA, 2015), “a pesquisa-ação se propõe a uma ação deliberada visando uma mudança no mundo real, comprometida com um campo restrito, englobado em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento”.

O terceiro capítulo que retrata o foco desta pesquisa traz em seu contexto reflexões acerca da Educação Física no ambiente escolar refletindo sobre as metodologias e técnicas desenvolvidas na atualidade no que diz respeito a prática de lutas enquanto atividade

curricular, avaliando sobre sua aceitação e aproveitamento, bem como os novos modelos a serem utilizados ao mesmo tempo em que destaca sobre o ponto de vista dos alunos ao compararem o “velho” com o “novo” formato de aulas ora ministrado.

Para responder a essas questões o quarto capítulo apresenta a análise da avaliação, a qual fora desenvolvida por meio de uma “observação”, esta ocorrendo no momento em que eram ministradas as aulas e desenvolvidas as atividades propostas.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais, momento em que se tecem comentários acerca das atividades propostas e seu resultado, seguido este, das referências utilizadas para fundamentação desta pesquisa.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO TIPO DE PESQUISA

Diante dos objetivos almejados na pesquisa de análise e vivência de aulas abertas no Ensino Médio ocorrida por meio de uma sistematização, esse estudo será realizado primeiramente no modelo descritivo por meio de uma revisão bibliográfica do tipo qualitativa - um estudo descritivo nos permite discorrer sobre o tema abordado permitindo um melhor entendimento do que se quer pesquisar e do objeto de estudo. Para Chizzotti (1995, apud COSTA, 2015, p. 15) o método qualitativo tem por finalidade “intervir em uma situação satisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa”. Tudo isso com o objetivo de conhecer melhor o objeto de estudo e as situações em que esse objeto está inserido, no caso a turma de ensino médio e a realidade das aulas de Educação Física a que eles são submetidos, respectivamente. De acordo com Triviños (1987, p. 35), “o estudo descritivo exige do investigador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar, descreve fatos e fenômenos de determinada realidade”.

2.2 AMOSTRA

A amostra investigada será um universo de 30 alunos, sendo estes 14 meninas e 16 meninos com idade compreendida entre os 16 e 17 anos. Os alunos estão cursando o 2º ano do ensino médio do Centro Educacional Maristella, localizado à Rua Desembargador Régulo Tinoco, 1401 - Barro Vermelho, na cidade de Natal no Rio Grande do Norte.

A escola é localizada em um bairro onde predominam as classes média ou classe média alta, sendo assim frequentada por alunos dessas mesmas classes. O Bairro é calmo, porém apresenta alguns índices de insegurança como assaltos a residências e roubos na própria rua. Mas nada que interfira na rotina da escola, que conta com uma segurança 24 horas. As aulas são ministradas no ginásio poliesportivo da escola, onde normalmente acontecem as práticas de Educação Física. O horário para as práticas das atividades é previamente conversado e combinado com o coordenador e com o professor da escola.

Foram aplicadas três aulas sistematizadas com duração de 1 hora cada fazendo alusão do modo aberto de ensino, tendo como base teórica a teoria crítica emancipatória, o conteúdo abordado foi “lutas”, mas especificamente a luta olímpica.

2.3 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados da pesquisa foram utilizados os planos de aula e no final de cada etapa abriu-se oportunidade para os debates com os alunos de forma a dar um feedback ao professor sobre o que acharam - se gostaram ou não da aula, se encontraram dificuldades, o que poderia ser mudado – enfim, permitiu-se que os mesmos apresentassem sugestões e mudanças nas atividades e as opinassem sobre as diferenças entre as aulas anteriores já vivenciadas e as atuais.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise desses dados será feita em formato de relato, observando o posicionamento dos alunos e do professor em relação às atividades desenvolvidas, relacionando a referida análise com as propostas objetivadas na pesquisa e ao mesmo tempo trazendo os pontos mais relevantes da aula, as análises críticas dos alunos, assim como os pontos positivos e negativos.

3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

É comum se observar no âmbito escolar que a seriedade com que se trata à Educação Física não condiz com sua real importância. Nesse contexto, a prática é vista tão somente como uma disciplina complementar, ou seja, para alguns não passa de uma forma de “complementar” a carga horária. No entanto, “é preciso compreender que a Educação Física é uma disciplina obrigatória do currículo escolar e que apresenta características próprias, como veremos a seguir” (RONDINELLI, [2000a, p. 1]) e, portanto, tem a mesma importância e “valor” que disciplina do tipo Matemática, Língua Portuguesa ou qualquer componente curricular.

O termo Educação Física pressupõe a ideia de controle do corpo ou, ainda, de controle do físico. Educar, desde o século XVII, é uma ação que está intimamente relacionada à disciplina corporal: a separação proposta por Descartes, entre corpo e mente, torna-se base de todo o processo educacional ocidental. Fato bastante visível nas salas de aula: o corpo fica sentado e parado, sem “atrapalhar” o exercício de raciocínio e de aprendizado feito pela mente. (RONDINELLI, [2000a, p. 1]).

Sendo assim, pensar sobre a Educação Física escolar reflete o quão enorme é o seu significado e a sua importância. Atualmente a prática é considerada segundo Piaget (apud PAPALIA; OLDS, 2000); Mattos; Neira (2000); LDB/96 e pelas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e Médio, como um componente curricular obrigatório.

A Educação Física escolar não possui a intenção de fazer os alunos aprenderem a repetir gestos estereotipados, com o objetivo de apenas automatizá-los e reproduzi-los, restringindo os alunos ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de proporcionar a apropriação do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento, construindo uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual, capacitando o sujeito a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada. (PCN's, 2001 apud MARTINS; FENSTERSEIFER, 2009, p. 1).

Segundo constante nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documento oficial do Ministério da Educação, a Educação Física na escola deve ser estabelecida por três blocos, sendo estes definidos da seguinte forma: no primeiro estão inseridas atividades como “Jogos, Ginásticas, Esportes e Lutas, as quais abrangem as práticas da ginástica artística, ginástica rítmica, voleibol, basquetebol, salta em altura, natação, capoeira e judô”. O segundo bloco está direcionado às atividades rítmicas e expressivas – estando inserida neste a prática da

dança. Por fim, o terceiro bloco que vai estar mais relacionado ao conhecimento de si mesmo, ou o **conhecimento sobre o corpo**, ou seja, aqui se propõe transmitir ao aluno os “conceitos básicos sobre o próprio corpo, que se estendem desde a noção estrutural anatômica, até a reflexão sobre como as diferentes culturas lidam com esse instrumento”. (RONDINELLI, [2000a, p. 1]). Este último bloco “tem conteúdos que estão incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado. Os outros dois guardam características próprias e mais específicas, mas também têm interseções e fazem articulações entre si”. (BRASIL, 1997, p. 35-36).

Porém, a Medida Provisória 746/2016 imposta pelo governo atualmente vem sendo discutida com o intuito de mudanças na estrutura do ensino médio, por meio de uma criação da política de fomento à implementação de escolas de Ensino Médio em tempo integral. Como citado em matéria pelo Senado Federal a Ementa

Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.

Explicação da Ementa:

Promove alterações na estrutura do ensino médio, última etapa da educação básica, por meio da criação da Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Amplia a carga horária mínima anual do ensino médio, progressivamente, para 1.400 horas. Determina que o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio. Restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da Educação Física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando as facultativas no ensino médio. Torna obrigatório o ensino da língua inglesa a partir do sexto ano do ensino fundamental e nos currículos do ensino médio, facultando neste, o oferecimento de outros idiomas, preferencialmente o espanhol. Permite que conteúdos cursados no ensino médio sejam aproveitados no ensino superior. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC e por itinerários formativos específicos definidos em cada sistema de ensino e com ênfase nas áreas de linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. Dá autonomia aos sistemas de ensino para definir a organização das áreas de conhecimento, as competências, habilidades e expectativas de aprendizagem definidas na BNCC”. (BRASIL, 2016, p. 1-2)

Dessa forma constata-se que a ementa ainda está em trâmite, sendo analisada pelo Governo. A partir de toda essa discussão sobre a Educação Física no ensino médio percebe-se que de fato a Educação Física tem a função de educar de forma a se fazer compreender e

transformar a realidade a partir da cultura de movimento humano, ou seja, é uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e transformar capacitando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas como benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da sua qualidade de vida.

A antiga Lei 5.692 da LDB explicitava a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino de primeiro e segundo grau, porém a atual lei nº 9.394/96 diz que a disciplina de Educação Física como um componente curricular deve ser integrada à proposta pedagógica da escola, assim, se torna importante que os professores invistam em métodos atrativos de forma a tornar a sua prática interessante para os alunos, fazendo com que estes tenham um objetivo, uma finalidade, ao mesmo tempo contribuindo para a sua formação, atuando de forma interdisciplinar. De acordo com Rondinelli [2000^a, p. [1]].

A Educação Física tem uma vantagem educacional que poucas disciplinas têm: o poder de adequação do conteúdo ao grupo social em que será trabalhada. Esse fato permite uma liberdade de trabalho, bem como uma liberdade de avaliação – do grupo e do indivíduo – por parte do professor, que pode ser bastante benéfica ao processo geral educacional do aluno.

Infelizmente, na atualidade não mais se vivenciam experiências satisfatórias nesse contexto educacional. O despreparo dos professores é um só dos fatores alegados para a proposta de mudança da disciplina, mas também a forma como os professores trabalham com estes alunos, como por exemplo, a falta de um planejamento adequado para cada aula, a falta de um método que favoreça um maior embasamento ao aluno sobre determinado conteúdo ou tema de aula. Para Rondinelli [2000b, p. 1]

Ainda que muitos professores de Educação Física pouco se interessem em abranger todo o conteúdo que deve ser trabalhado na escola, e costumem apenas trabalhar com esportes coletivos na escola (futebol, voleibol, basquetebol e handebol), a Educação Física, enquanto disciplina escolar, tem o propósito de trabalhar com a cultura corporal que o aluno carrega consigo devido à sua vivência, assim como apresentá-lo a diversas manifestações da cultura corporal.

Na realidade, as aulas são ministradas com pouca ou nenhuma reflexão por parte dos alunos acerca do conteúdo tratado, ou mesmo o apontamento da necessidade de atividades físicas regulares para uma vida ativa dos cidadãos.

Trabalhos e pesquisas indicam que a disciplina vem se tornando uma prática excludente, voltada somente para a formação de equipes para representar a escola nos jogos

escolares, ou mesmo como uma prática puramente recreativa para relaxarem das outras aulas de outras disciplinas. Estudo intitulado “As aulas de Educação Física Escolar sob a ótica de seus atores” realizado pelo mestrando em Educação Física e Cultura da UGF/RJ, Fabiano Pries Devede (1999) investiga como os alunos concebem a Educação Física como disciplina curricular e o resultado foi a afirmação de que a Educação Física não possui relevância para se manter na escola, que os conteúdos são repetitivos e sem aplicabilidade no cotidiano, que não há motivações e outras diversas justificativas. “A percepção de aspectos negativos das aulas de Educação Física, tidas como desestimulantes, cansativas, repetitivas, desinteressantes e desorganizadas, mais acentuados em correspondência com o avanço no nível de escolarização”. (BETTI, 1995; BRITO, 1990; ESPIT, 1990 apud MELLES, 2002, p. [1]).

Dessa forma, a Educação Física escolar hoje em dia não tem sido convincente suficientemente para a sociedade sobre a sua importância. A concepção ainda é de que a Educação Física se resume em correr, jogar bola, brincar e fazer ginástica. Muitos adultos hoje não tem uma vida ativa e não tem compreensão diferente daquela Educação Física estereotipada, excludente, elitista. Entendem os horários da disciplina como horário de lazer, e é assim que os profissionais são vistos. Qual a justificativa da disciplina ser uma, duas ou três vezes na semana? Qual o argumento da sua permanência enquanto fator que contribui para a formação dos alunos? Questões essas que são pautadas a muito tempo e debatidas até hoje para que se firme uma nova postura, estabelecendo argumentos sólidos afim de que ela possa ser defendida. Com a promulgação da LDB a escola monta a própria carga horária da disciplina e a partir daí cabe ao professor a tarefa de apresentar a importância da mesma, justificando sua permanência, apresentando a finalidade, argumentando e convencendo.

3.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Desde a adolescência não se debate sobre a importância da atividade física para a melhoria da qualidade de vida do indivíduo e isso favorece bastante para o aparecimento de doenças do corpo e “da alma” gerando altos índices de problemas de saúde como sedentarismo, hipertensão, problemas cardiovasculares, depressão, entre outros. Diante disso é necessário avaliar o que está havendo com os adolescentes e os motivos que os levam a não se interessarem por essa prática. Fatores como os psicológicos influenciam muito os alunos a não participarem das aulas de Educação Física devido a questões físicas, sociais e comportamentais da fase de vida desse adolescente. (COOL; PALÁCIOS; MARQUESI, 1995 apud PAULA; FYLYK, 2008, p. 7).

De acordo com Cool; Palácios; Marquesi (1995 apud PAULA; FYLYK, 2008, p. 2) a adolescência é “a etapa que se estende dos 12 aos 13 anos até aproximadamente ao final da segunda década de vida. É uma etapa de transição entre a infância e a etapa adulta”. Portanto, a adolescência é uma etapa de transição para a fase adulta e esse período gera muitas dúvidas, revoltas e tensões. Os autores aduzem ainda, que esta é uma época de turbulências, tensões e sofrimentos psicológicos.

Com relação ao desenvolvimento Cool; Palacios; Marchesi (1995 apud PAULA; FYLYK, 2008, p. 2) afirmam que “o processo de transformação física acontece por uma série de mecanismos hormonais, que desencadeiam um longo processo de modificações que será evidenciado de formas diferentes em cada sexo”. Nos meninos esse processo de transformação ocorre tardiamente, por sentir-se inseguro, fora dos padrões para sua idade. E nas meninas o processo de maturação ocorre precocemente, existe vergonha do próprio corpo o que faz com que elas tentem escondê-los. No fator psicológico, nas meninas não se encontram problemas pois acabam se desenvolvendo na mesma média dos meninos, já que sua maturação ocorre mais cedo.

Na fase de adolescência outro fator que influencia os alunos a não participação nas aulas é a imagem corporal que se estabelece, as mudanças no corpo fazem com que haja uma reanálise da sua imagem corporal, demonstrando que uma boa condição física traz para eles confiança e auto estima como Sandstrom (1975 apud PAULA; FYLYK, 2008, p. 3) afirma que “a boa saúde física é um fator importante na obtenção pessoal de uma posição entre os de seu próprio grupo. Há uma correlação positiva entre vigor físico e prestígio social”.

O fator social também influencia bastante, os colegas nesta fase são muito mais intensos, mudando e moldando seu comportamento. As afinidades se tornam mais estáveis e a confiança faz com que o adolescente possa extravasar seus sentimentos e emoções. Logo, a motivação dos mesmos nas aulas para que todos estejam felizes, satisfeitos e motivados é uma tarefa para poucos visto que para uma adolescente, depende de vários fatores, há vários pontos que influenciam.

É preciso assim, elencar esses fatores com a seriedade que o tema exige, perceber a importância da Educação Física através de movimentos em todas as vertentes, e quando bem aplicadas desenvolvem a cultura corporal e física, fazendo com que os alunos exerçam a cidadania com respeito mútuo, crítico e consciência de sua qualidade de vida. “O ser humano necessita ser compreendido como um todo, relevando-se seus diferentes aspectos – cognitivos, sociais, afetivos, motores e [além disso] culturais”. (LAVOURA; BOTURA; DARIDO, 2006, p. 204).

“A cultura corporal de movimento” a qual a Educação Física faz jus está além do esporte, das danças, das ginástica e artes marciais. Os professores devem utilizar-se deles em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Em virtude disso a Educação Física no ensino médio precisa de um papel mais claro, deixando de reproduzir o modelo anterior, de tal maneira que possa ser mais aprofundada quanto aos conteúdos aplicados em comparação com os últimos quatro anos do ensino fundamental.

Um questionamento da atual prática pedagógica da Educação Física escolar por parte dos próprios alunos diz respeito ao fato de as escolas não se adequarem a novos métodos desde o seu planejamento curricular de forma a pensarem numa “renovação” nos métodos utilizados para, dessa forma, favorecer e despertar o interesse dos mesmos, já “que, não vendo mais significado na disciplina, desinteressam-se e forçam situações de dispensa”. (BETTI; ZULIANE, 2002, p. 74).

Uma situação observada, dentre tantas, que aponta que a metodologia empregada no âmbito escolar é falha é que os alunos não param simplesmente de praticarem atividades físicas, eles apenas abandonam a essa atividade nas escolas buscando desenvolverem-se fisicamente em academias e clubes esportivos. De acordo com Betti; Zuliani (2002, p. 74) é comum vê-los desenvolver práticas corporais fora da escola [principalmente alunos inseridos] no ensino médio (antigo 2o grau), para os quais o modelo da “Educação Física” ora oferecido preserva o molde “pedagógico concebido para o Ensino Fundamental (antigo 1o grau)”, ou seja, já não atende às necessidades dos adolescentes que têm, na atualidade, uma visão bem mais ampla acerca da atividade física.

A continuidade ao aprendizado das experiências vivenciadas pelo aluno acaba não ocorrendo. Ulasowicz; Peixoto (2004, p. [1]) ainda afirmam que esportivização excessiva como prática na Educação Física afasta os alunos das aulas visto que há, além das muitas diferenças entre os alunos, a repetição da escolha de determinado esporte para meninos e outro para meninas, permanecendo preso a isso, sem promover uma cultura corporal do movimento como é pregado, por exemplo, nos PCNS.

Com a promoção e divulgação dos esportes nas mídias, os adolescentes estão conectados ao mundo em tempo real e as aulas de Educação Física continuam no mesmo padrão, assim, o esporte predomina quase sempre no sentido competitivo e exclusivo no qual apenas os que tem habilidades se destacam.

Dessa forma, a mudança na metodologia de aulas se torna necessária aos quais se seguem esse padrão esportivista. Pereira; Moreira (2005 apud BAEZ, 2015, p. [1]) consideram que o professor que se preocupa apenas com o esporte de forma generalizada e

competitiva deixa de explorar todas as potencialidades de movimento dos alunos, pois não existe uma única forma de se reproduzir o movimento, cada aluno deve ter a possibilidade de expor à sua maneira. E assim percebe-se mais uma das causas de evasão das aulas do ensino médio, com a valorização das habilidades, o esportivismo e com aulas praticamente iguais levando a essa grande consequência de modelo de aulas e a disciplina tornando-se desinteressante.

3.2 SISTEMATIZAÇÃO DE AULAS NO ENSINO MÉDIO

A sistematização é um conceito que vem apontando uma configuração metodológica de elaboração do conhecimento. Assim sendo, diz-se que sistematização é bem mais que um simples arranjo de elementos, mas um conjunto de práticas e conceitos que contribuem para a reflexão e reelaboração do pensamento a partir de experiências vivenciadas no dia-a-dia dos adolescentes – nhoque diz respeito a sua própria realidade – as quais se apresentam e têm como objetivo mudar a “relação educandos e educadores no processo de formação como sujeitos do conhecimento e agentes transformadores em sua localidade”. (FUMAGALLI; SANTOS; BASUALDO, 2000, p. 10).

Sistematizar é abrir-se para a negociação cultural com o outro. Há negociação cultural onde houver espaço e condições para que as razões de todos sejam postas e devidamente argumentadas. Trata-se, portanto, de um diálogo devidamente argumentado para a construção de unidades de sentido e rumos a serem seguidos conjuntamente. (VERONESE, 1999, p. 12)

Os indivíduos e/ou grupos que participam de um processo de sistematização certamente não serão os mesmos após a experiência, uma vez que sua finalidade é produzir transformações tanto em suas práticas como em seus sistemas de valores. Para Fumagalli; Santos; Basualdo, (2000, p. 11), “este momento de análise e interpretação desempenha um papel significativo no desencadeamento e na orientação dessas mudanças”.

Se a sistematização se faz para aprendermos com nossas experiências e para melhorá-las, significa que o processo pressupõe mudanças. Mudanças que vão implicar ganhos que, necessariamente, pressupõem perdas; as perdas que, das escolhas, decorrem. Portanto, fazer sistematização é colocar-se em situação de aprendizagem frente a esse fazer; é predispor-se a circular, conscientemente e inconscientemente, entre limites do novo e do já vivido. (FALKEMBACH, [2000], p. 2)

É contundente o papel da escola na formação do indivíduo. Por isso, nesse contexto é importante que esta venha a se preocupar, antes de tudo, em desenvolver uma forma sistematizada e metodológica com vistas a cumprir sua principal função - educar para a cidadania. Para Moraes; Ferreira (2011, p. 5) “a sistematização dos conteúdos das diversas áreas do conhecimento permite ao indivíduo adquirir crescimento intelectual e cultural, dar sentido às experiências e ações, proporcionar nova forma de ver e reinterpretar a visão de mundo”.

De acordo com Zabalza (1994 apud SOUZA, RAMOS p. 361) “a temática dos conteúdos de ensino (saber escolar ou conhecimento escolar) encontra-se permanentemente em discussão”. Ao se tratar de conteúdos escolares não se pode apenas referir sobre “o que ensinar? ”, deve-se levar em conta entre outras questões, o “para que ensinar?”

Dessa forma, o professor é responsável por debater, refletir e contextualizar sobre o conteúdo ensinado, relacionando de acordo com as necessidades de sua escola, porém, documentos de referência para sistematização dos conteúdos podem deixar de ser apenas referenciais e passarem a ser reproduzidos pelo professor, fazendo com que as aulas se tornem automatizadas e predeterminadas.

Verifica-se que a sistematização é um processo que contribui para reflexão e dinamização da pedagogia. No entendimento de Libâneo (1985, p. 39) “os conteúdos são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais”, pois “não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, [mas], ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social”. (LIBÂNEO, 1985, p. 40).

Assim, a proposta curricular deve abranger não somente os conteúdos, mas também os objetivos que se devem alcançar juntamente com esses conteúdos e levar em consideração a inserção dos alunos em uma sociedade em que influencia sua forma de viver, de pensar e agir, refletindo os problemas sociais nas ações das pessoas - principalmente em se tratando de jovens adolescentes. É necessário assim a busca por essa sistematização para o desenvolvimento das aulas buscando o sucesso nos objetivos almejados através da continuidade da abordagem do conteúdo nas aulas, estabelecimento de conhecimentos, habilidades e competências a serem adquiridas pelos alunos, oferecendo um ensino de qualidade a população.

3.3 LUTAS COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sobre “luta” os PCN’s definem que esta modalidade é uma espécie de disputa onde ocorre a superação de um oponente em detrimento do outro. Nesta são apresentadas algumas “técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa”. (BRASIL, 1998: 70).

As diversas modalidades de lutas possuem uma regulamentação específica para cada uma, a qual tem como fim “punir atitudes de violência e deslealdade”. Podem ser caracterizadas como modalidades de luta brincadeiras dos tipos: “de cabo de guerra e braço de ferro; capoeira, judô e karate” (BRASIL, 1998, p. 25).

Embora se tenha uma definição de luta pelos PCN’s, a sua pluralidade de significados é enorme. É algo que requer que sejam analisados a partir dos vários fatores que se lhe apresentam, sobre estas há um universo simbólico de representação e ideias. Então dar uma definição concreta torna-se arriscado devido a limitação de compreensão do que as lutas representam.

A história das lutas vem de geração em geração, ainda se tem incógnitas e poucos fatos são verdadeiramente conhecidos, os mestres não passavam seus conhecimentos facilmente e nem se tinha registros ou documentações disso, as tradições eram passadas de forma oral, de mestre para seu discípulo. Como também há relatos de grandes heróis na história e diversos filmes sobre lutas. Então, esses conhecimentos, juntamente com os artigos científicos publicados sobre esse conteúdo, fizeram com que a forma de aplicar e pensar sobre as lutas mudassem. Os treinamentos árduos que antes duravam horas, hoje são mais organizados e periodizados. Breda et al. (2010, p. 306) constata que a pedagogia contribuiu muito para o desenvolvimento desse esporte buscando enriquecer as aulas de lutas, inserindo os conhecimentos da Educação Física assim como enriquecendo as aulas de Educação Física com os conhecimentos das lutas.

A prática da luta inserida no contexto das aulas de Educação Física deve ser acatada, não só por ser uma determinação constante dos PCN’s, mas devido a sua importância em contribuir para o desenvolvimento físico, motor e psicológico dos indivíduos. No entanto, o que se percebe é que, infelizmente o referido conteúdo ainda é pouco explorado pelos professores de Educação Física escolar. Para sua implementação, primeiramente, é preciso um diálogo antecipado sobre essa temática das lutas, discutir e debater sobre, fará com que seja criada uma visão crítica em relação ao ensino das lutas. E para isso é indispensável uma rica comunicação entre os indivíduos. Características como as tradições das lutas, a parte

filosófica desse conteúdo deve ser considerado nas aulas, visto que pode trazer benefícios no ensino das lutas, dependendo da forma que for estudado e tratado pelo professor.

Muitas modalidades de lutas foram extintas e outras muitas foram ganhando ênfase nas mídias, como o judô, taekwondo, boxe, esgrima e wrestling (luta olímpica), no entanto, Correia (2009, p. 21) considera que se faz necessário um longo processo de apropriação desse conteúdo, por parte dos professores, o que vai propiciar uma aproximação acadêmica e profissional. Del Vecchio; Franchini (2011 citado por SILVA; MITHIDIERI; NOVIKOFF, 2014, p. [1]) relatam que essas transformações didático-pedagógicas começam primeiramente com os próprios professores – em face de a formação acadêmica do mesmo ser deficiente com relação a esse conteúdo, restringindo-se esta, na maioria das vezes a apenas uma modalidade ou mesmo não havendo a aplicação desses conteúdos na escola.

[Pode-se] afirmar que ensinar é um processo muito mais complexo e amplo, [que] vai além da simples transferência de informação, do saber fazer, da memorização e do modelo, que é comumente utilizado, historicamente, nas aulas de Educação Física, dando a falsa impressão que esteja ensinando algo, sendo na realidade, uma grande confusão epistemológica entre as palavras adestrar, treinar e memorizar com a palavra ensinar. (SOUZA NETO, 2007, p. 315).

Antes de tudo é preciso que o professor se sinta capacitado para abordar o conteúdo, não devendo ter nenhuma formação específica ou mesmo ser faixa preta na modalidade. Contudo que ele tenha uma formação suficiente que possibilite o contato com o conteúdo, com os conceitos básicos e formas de ensinar.

A importância e os benefícios que as lutas trazem para os jovens também se deve levar em consideração. De acordo com Barbosa (2006 apud VIEIRA; MOREIRA, 2008, p. 3), as artes marciais são capazes de possibilitar ao aluno vivências e experiências emocionais, principalmente aquelas que estão ligadas às competições. Assim, com a prática de qualquer arte marcial o jovem se prepara emocionalmente e experimenta novas vivências para enfrentar a vida e os obstáculos que esta venha a trazer, isso em qualquer esfera, seja ela profissional, familiar, comunitária entre outras. A partir de sua prática tanto jovens como crianças adquirem esses benefícios. “As Artes Marciais proporcionam situações [diversas, as quais] as crianças poderão estender até a idade adulta. As crianças conseguem perceber que o sucesso na vida vem sempre após muito esforço e dedicação, seguindo o exemplo dos treinos”. (BARBOSA, 2006 apud VIEIRA; MOREIRA, 2008, p. 3) e assim sendo, estas mudanças tendem a gerar mais alterações no comportamento e no desempenho escolar do aluno.

Como afirma Kim (2006 apud VIEIRA; MOREIRA, 2008, p. 3) “o corpo saudável e disposto, com energia, poderá contribuir para uma vida construtiva e uma atitude positiva”. Kim (2006 apud VIEIRA; MOREIRA, 2008, p. 3) comenta que “essa atitude positiva é o resultado da combinação do pensar, do olhar, de falar e agir de forma correta de acordo com a sociedade em que se vive”.

De certa forma todo esse processo vai contribuir e de maneira bastante significativa para o convívio familiar e educacional, uma vez que vai implementar melhorias também, tanto para pais quanto para professores - independente do sexo ou idade do praticante.

4 RELATÓRIO DAS PRÁTICAS

As práticas vivenciadas no Centro Educacional Maristella – escola localizada na Cidade de Natal-RN, no período compreendido entre 13 de outubro e 29 de novembro se deu por meio da ministração de 5 aulas, com duração de 50 minutos cada uma, as quais foram planejadas de modo sistematizado com uma abordagem aberta de ensino. Na ocasião foi abordado o conteúdo sobre lutas - mais especificamente a luta olímpica e paralelamente, iam-se analisando o comportamento dos alunos, a participação dos mesmos em sala de aula e o interesse dos alunos acerca do tema tratado, bem como da metodologia aplicada nesse momento, para a coleta dos dados.



Foto 1: Sistematização de aula – turma 2º ano – Centro Educacional Maristella
Fonte: Arquivo da autora

Na primeira aula foi ensinado um pouco sobre a história e vivência das lutas enquanto cultura corporal - historicamente criada e culturalmente desenvolvida pelo homem desde a antiguidade - refletindo sobre os conceitos, valores, hábitos e atitudes. A aula foi aplicada no dia 13 de outubro de 2016. Nos primeiros momentos, por meio de uma conversa, me apresentei à turma e passei a falar sobre o que iríamos fazer nos encontros seguintes e qual seria o principal objetivo dos mesmos. Após a apresentação indaguei os alunos sobre o que eles conheciam sobre as lutas, aos que uns responderam ser **“um conjunto de várias lutas como o “MMA” que passa na TV”**, outros disseram que era **“um esporte de combate entre duas pessoas”**, outros ainda, que **“era rivalidade em que duas pessoas brigavam”**.

Com esses relatos iniciais foi possível perceber que o que os alunos conhecem por lutas – resumidamente – diz respeito a um esporte em que duas pessoas são rivais, foi o que se

pode captar da maioria das respostas. Após isso, fiz uma explanação de alguns conceitos que retratavam acerca do verdadeiro significado das lutas, momento em fui explicando a diferença entre luta e briga.

Falei um pouco sobre a origem abrangendo desde a pré-história até os dias atuais sobre o significado da luta como arte marcial e sobre seus princípios básicos, que são o condicionamento físico, a disciplina, o respeito, o autoconhecimento, autocontrole, tolerância, entre outros. Expliquei a atuação das lutas na sociedade, a contribuição para o ser humano, a construção de valores, respeito, concentração, a inserção das mesmas em clubes e academias atualmente, e de suas características gerais.

Em um segundo momento da aula foquei a luta olímpica explicando aos alunos que essa seria a luta escolhida para qual iríamos direcionar nossas aulas e esclarecendo o porquê da escolha - o qual se deu devido ao pouco conhecimento da existência dessa luta pela sociedade em geral, pela midiaticização da mesma nos dias atuais e pela sua contribuição para a escola como mais uma luta a ser futuramente praticada em ambiente escolar. Relatei a parte histórica da mesma, seus estilos e características, falei um pouco sobre a arbitragem e regras em cada estilo, porém de uma forma mais geral, não querendo me aprofundar, pois como são milhares de regras e bem detalhadas, em um primeiro momento ficaria cansativo. Enfatizei que nas aulas subsequentes as regras iam ser faladas mais detalhadamente.

Para finalizar os indaguei com questionamentos do tipo: E agora, o que acham que significam as lutas? Qual a contribuição delas para os praticantes? O que entendem sobre luta olímpica? A partir dessas perguntas, quem se sentisse à vontade para falar ia respondendo. Surpreendi-me com as respostas por que percebi que eles tinham entendido bem o que fora proposto pela aula. Mesmo alguns alunos não se sentindo à vontade para responder foi observado à atenção dos mesmos durante a aula. A primeira experiência de aplicação de aula com a turma foi interessante, mesmo com alguns alunos aparentemente descansados nas cadeiras no decorrer da mesma ficou clara a atenção deles perante o conteúdo apresentado. De acordo com Ferreira (2009 apud ALVES JÚNIOR, 2001, [1])

A Educação Física passa a ser uma disciplina que vai tratar pedagogicamente de uma área de conhecimento denominada de 'cultura corporal', configurada na forma de temas ou de atividades corporais. Devemos ter consciência que a atividade física das lutas não é nem nociva nem virtuosa em si, ela transforma-se segundo o contexto. A luta na universidade na escola ou em qualquer outro local, torna-se no que dela a fazemos, e a competição, acrescentaríamos, não é uma imposição deste esporte.

Ainda complementando esse raciocínio, vale destacar o que defende Pierre Parlebas (1990 apud ALVES JÚNIOR, 2001, p. [1]) quando destaca que as lutas de uma forma bem geral são atividades esportivas cujo desenrolar se apresenta com uma “oposição presente, imediata e que é o objeto da ação, existe uma situação de enfrentamento codificado com o corpo do oponente”. Para o autor, “mais do que lutar contra o outro, a educação física escolar deve ensinar a lutar com o outro, estimulando os alunos a aprenderem através da problematização dos conteúdos e da própria curiosidade dos alunos”.

A segunda aula foi realizada no dia 03 de novembro, teve início com a retomada do assunto anterior, desta feita relatando alguns pontos importantes vistos com relação a diferença entre luta e briga ao mesmo tempo, destacando a importância da disseminação da luta no meio social e atual.



Foto 2: Sistematização de aula – turma 2º ano – Centro Educacional Maristela
Fonte: Arquivo da autora

Levantei um questionamento que abordava se os alunos sabiam o que seriam os jogos de oposição, quais as suas características e por que estes são considerados jogos de oposição e pedi para darem exemplos. Uns responderam que “**tinha a ver com disputa entre dois inimigos**”, outro deu como exemplo “**um jogo de futebol**, logo em seguida conversamos sobre o que seria feito na aula do dia.

O objetivo dessa aula consistia em conhecer sobre as lutas e ampliar o repertório de movimento com atividades lúdicas, assim como as possibilidades de interação com os outros.

A aula ocorreu na quadra poliesportiva e foi utilizado como material para sua execução o TNT cortado em tiras, barbante e bolas de encher. Num primeiro momento, a atividade consistiu em amarrar um fio barbante com um balão cheio no tornozelo de cada aluno - o objetivo era estourar o balão do adversário e ao mesmo tempo proteger o seu balão, evitando e esquivando-se dos ataques. A única orientação feita antes da atividade foi a de que se devia estourar o balão do adversário e ao mesmo tempo, proteger o seu. Logo, eles ficaram livres para fazer qualquer tipo de movimento na busca por realizar a tarefa dada.

Dessa forma, foi observado que a execução dos movimentos feitos por eles foi muito voltada a esquivar dos membros inferiores, ou seja, levantando as pernas, correndo ou até mesmo “ajudando” a levantar e estourar o balão com as mãos. Com o decorrer da atividade os alunos foram chamados e foi discutido o que estava apresentando dificuldade na atividade como recomendação foi estipulado em não segurar o balão com as mãos, só podendo desviar e estourar com os pés, entre outros. A partir desses questionamentos os alunos davam sugestões e criavam suas próprias regras para a atividade. Fato esse que, ao final trouxe sucesso e o melhor - eles gostaram muito.

O segundo momento da atividade consistiu em tirar o oponente da área delimitada utilizando-se, para isso de estratégias e regras próprias pensadas por eles e assim organizando a atividade de acordo com a necessidade. A principal recomendação dada foi de não haver golpes bruscos. Com o decorrer da atividade foram discutidas possíveis regras a fim de se conseguir alcançar o objetivo proposto, mais facilmente. Foram sugeridas algumas alterações como: uma mudança de oponente; mudança na delimitação do espaço, de tempo e etc. Os alunos ajudaram nesse processo de obtenção de novas regras. Ao final foi visto que o objetivo foi alcançado mais facilmente e rapidamente, porém ainda com mudança das regras alguns não conseguiram seu objetivo, ou mesmo tiveram dificuldade para tirar o oponente da área.

E por fim a atividade do “pega rabo” – quando em duplas cada um deveria proteger um pedaço de TNT que se encontrava preso a calça. Ganhava quem permanecesse com este por um maior período de tempo. As estratégias eram feitas pelos alunos e organizadas juntamente com o professor. Como por exemplo, eles sentiram dificuldade na área delimitada para se pegar o TNT do outro, sugerindo então que fosse diminuído o espaço, no entanto, com a nova regra perceberam que ao mesmo tempo que pegavam o TNT, eram pegos pelo adversário também. De uma maneira geral eles gostaram das atividades.

No início se mostraram um pouco parados, apreensivos até, o que dificultou um pouco o ritmo da atividade, o que poderia comprometer o horário de aula. Inicialmente a aceitação foi pequena. Eles não tomaram a iniciativa para participar, contudo no transcorrer do tempo

foram adentrando mais alunos na atividade. Ao final foi perguntado sobre o grau de satisfação deles sobre a aula ao que responderam “que gostaram bastante”. Que já até fizeram atividade como o “pega rabo”. Encerrei a aula lhes falando dos benefícios na prática dessas atividades, da finalidade delas para uma pessoa que até mesmo nunca praticou uma luta. Enfatizei que a luta também se utiliza muito de estratégias, agilidade e atenção, assim como nas atividades com o TNT ou com o balão. Também aproveitei para esclarecer que “a força” nem sempre representa uma boa habilidade para lutar e sim as estratégias que são pensadas para a execução desta. Indaguei se haviam percebido esse detalhe, ao que todos confirmaram.

Por fim falei que a luta é um esporte que promove o respeito e todos podem participar, sem distinção de sexo ou idade. Logo, o objetivo dessa aula foi alcançado, ampliando o repertório de movimento com atividade lúdicas e a interação dos alunos. De acordo com Pinto (2007 apud LAGE, 2012, p. 85)

O lúdico como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro, com o contexto, reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim o lúdico é construído culturalmente e oferece oportunidade para (re)organizar a vivência e (re)elaborar valores.

Na terceira aula trabalhei com a luta olímpica em si separando inicialmente o estilo de luta Greco-Romana, e em uma próxima aula a luta de estilo livre. Todas as aulas a partir dessa foram realizadas na sala de lutas. O objetivo desse momento foi compreender as regras e técnicas da luta Greco-Romana e vivenciar de forma adaptada a modalidade através de jogos reconhecendo as principais ações na sua execução.

De certa forma, as atividades realizadas foram lúdicas, porém buscando entrar mais na luta propriamente dita, ou seja, vivenciando de forma adaptada. Inicialmente relembrei um pouco do que foi visto aula passada. Questionei-os se sabem o que seria competição e o que temos que ter para haver uma competição, expliquei a origem, as técnicas e as regras da luta onde o objetivo é imobilizar os dois ombros de um adversário no solo atacando somente o tronco do oponente utilizando as mãos e braços e por fim expliquei as atividades que seriam realizadas.

A primeira atividade consistiu em dividir a turma em caçadores e coelhos. A ideia era ultrapassar de um lado ao outro o tatame sem que os coelhos sejam pegos, sempre na posição de quatro apoios, capturando-os ao colocar as costas do “coelho” no chão. Nesta atividade alguns alunos tiveram dificuldade com relação a captura do colega. Tanto pela rapidez ou

mesmo pela falta de habilidade, as meninas foram as que tiveram maior dificuldade. Diante disso, os alunos foram reunidos para a sugestão de criação de regras e mudanças na atividade.

A segunda etapa dessa atividade ocorreu em duplas. Para seu desenvolvimento, um dos componentes da dupla deita-se de barriga para cima com a cabeça e os ombros encostados no solo enquanto o outro faz a imobilização prévia de sua escolha. Ao sinal do professor, o aluno imobilizado tentaria livrar-se da ação do seu companheiro para levantar-se. A atividade era marcada pelo tempo. Preferencialmente foi dito aos alunos para dividirem-se em duplas de mesmo sexo para não ocorrer constrangimentos entre meninos e meninas, e muito provavelmente as meninas não quisessem participar da atividade.

No momento final, em uma “roda de conversa” perguntei sobre o que eles tinham achado das atividades. Todos disseram que gostaram, que foi bem competitivo. Realmente, foi notável a satisfação deles com as atividades aplicadas. Dialoguei com os mesmos com vistas a perceber se o objetivo da aula foi alcançado e discuti sobre a possibilidade de haver estratégias que seriam utilizadas por eles para sair e manter a retenção e imobilização dos seus oponentes. Em seguida, comparei com as fotos da luta Greco-Romana e perguntei se havia semelhança nas estratégias ou não. As respostas foram de que houve semelhança.

Na quarta aula aplicada, teve-se o mesmo objetivo da aula anterior, busquei compreender as técnicas da luta de estilo livre vivenciando de forma adaptada através de jogos. Ou seja, o mesmo princípio de atividades lúdicas, porém apontando para o estilo livre da luta olímpica. As atividades buscavam o mesmo princípio, porém em dois apoios. Em pé, adaptando as regras para o estilo com poucas mudanças. A partir disso, os alunos perceberam que havia diferença entre os dois estilos de luta olímpica, mas que ambas apresentavam o mesmo objetivo.

Ao final da aula foram perguntados sobre as dificuldades e se gostaram das atividades, eles sempre dizendo que foram boas, foi perceptível a mudança na quantidade de alunos das aulas iniciais para as aulas seguintes, pois os alunos cada vez mais se mostraram interessados em participar.

Na quinta e última aula trabalhei com uma competição entre os alunos trazendo tudo que fora aprendido nas aulas anteriores sobre a luta olímpica, desenvolvendo o aprendizado em formato de jogos com luta, momento em que os alunos lutavam de forma adaptada, com todos os princípios da luta - de respeito as regras e aos colegas. O objetivo da aula foi vivenciar atividades competitivas através de jogos que remetem a luta olímpica, adaptando as regras e técnicas da luta para uma experiência mais tática.

Inicialmente retomamos todo o aprendizado que antecedeu a essa aula resgatando as informações passadas, desde a primeira até esta última. Foram sendo lembradas as técnicas de cada estilo, regras, competição e suas características. Perguntei a turma quem tinha assistido os vídeos passados os quais mostravam a luta de forma competitiva. Aqueles que haviam assistido foram convidados a fazer uma demonstração para os colegas ou mesmo dizer um golpe, detalhe ou algo que chamou atenção. Alguns alunos se sentiram à vontade para expor suas opiniões, já outros, não. E logo depois expliquei o que seria feito em aula.

A primeira atividade feita foi um “cabo de guerra” de início no modo tradicional e logo depois, juntamente com os alunos, foram feitas adaptações para a luta olímpica, momento em que foram implementados o cabo de guerra em joelhos. Essa adaptação tinha como propósito principal discutir e destacar a importância de equilíbrio e força para a atividade.

Na segunda atividade foi feita uma pequena competição onde os alunos foram divididos em grupos de três componentes. Dois oponentes e um árbitro. O árbitro marcava o tempo dos rounds e delimitava o espaço disponível. O objetivo era golpear a perna do adversário em um menor tempo possível. Eram feitos 4 rounds e o aluno que ganhasse mais rounds mantinha-se na disputa, que por sua vez era feito com o aluno que antes era o árbitro. Até chegar a uma competição geral da turma.

Por fim, outra atividade foi feita. Nesta eram englobadas todas as técnicas possíveis e lembradas pelos alunos das aulas anteriores e dos estilos que optassem. Em trios, sempre dependendo do árbitro a marcação de todas as penalidades e regras com a ajuda do professor.

Ao final da aula foram relatados os pontos positivos e negativos das atividades – do que mais gostaram nas atividades e quais as que tiveram mais dificuldades. Finalizamos a aula com o intuito de a mesma ter alcançado o objetivo desejado - se foram ou não proveitosas as atividades e se essas aulas dadas foram de valia para o aprendizado deles. No final, como premiações para o primeiro, segundo e terceiro lugar foram dadas recompensas de participação. De acordo com Guedes (2001 citado por SILVA, MITHIDIERI; NOVIKOFF, 2014, p. [1])

A prática competitiva oferece aos alunos situações de sucesso e também situação de derrota, e que seja bem provável que na situação de sucesso o aluno se concentrará muito mais nas aulas e no que o professor lhe transmitirá, contudo, o problema está vinculado à situação de derrota nas competições que corrobora com o abandono da prática não só de lutas, mas em qualquer situação que pode lhes causar o fracasso, causando situações de frustração imediatas. Com isso, dentro das variáveis mais importantes, é a

motivação da parte do professor para com o aluno, a preparação psicológica para que o aluno possa encarar a derrota como um simples obstáculo para conquistar o êxito da vitória.

Assim, foi possível perceber que a prática competitiva nas aulas é de grande importância para o desenvolvimento dos alunos, visto que esse aluno enfrenta desafios, derrotas e acertos que irão impulsioná-los para outros desafios bem maiores em sua vida. Entre ganhar e perder é possível perceber que tem que se preparar mais para os obstáculos, para assim, garantir uma vitória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação por essa temática surgiu a partir de algumas práticas vivenciadas nos estágios supervisionados nos semestres anteriores, como também por minha vivência como ex-aluna desse nível de ensino, no qual os professores não nos instigavam a sermos mais autônomos e críticos - com liberdade para opinar sobre o conteúdo das aulas e atuar juntamente com ele no processo ensino-aprendizagem. Essa forma de ensino “estagnada” nos acostumou a aulas repetitivas, esportivizadas e monótonas - sem nenhum aporte teórico – onde os alunos apenas “repetem” aquilo que lhe é designado, tão somente cumprindo as tarefas passadas, algumas vezes, sem a menor precisão ou perfeição. Justamente o que os alunos do Ensino Médio passam até os dias atuais.

Como se percebe ao longo do tempo a Educação Física escolar conquistou alguns avanços. Muitos paradigmas já foram quebrados, porém ainda existe muita coisa a mudar, a exemplo, a não obrigação da participação nas aulas de Educação Física dos alunos que já praticam outra atividade na escola; a falta de planejamento nas aulas pelos professores pouco ou não atualizados; a falta de importância dada a essa área por parte dos coordenadores, diretores e professores da escola e de outras disciplinas, uma vez que esta faz parte do currículo escolar; a falta de interesse de professores em trabalharem junto aos alunos como forma de “prender” sua atenção, como também torna-lo assíduo frequentador das aulas.

É possível sim, por meio de uma nova temática - de concepção aberta ao Ensino Médio – mudar o quadro em que se encontra essa prática nas escolas. Inicialmente, como em vários campos do saber será difícil a aceitação pelos professores e alunos, mas, certamente esta experiência trará novas expectativas e um “novo olhar” para todos, visto não ser impossível trabalhar com essa metodologia nas aulas. Para tanto, os professores precisam estar capacitados - com embasamento na literatura - para atuar e transmitir aos seus alunos os seus conhecimentos.

Sendo assim, esse trabalho visa contribuir como tantos outros para a melhoria da Educação Física escolar atual, mas especificamente no Ensino Médio, incentivando, dentre outras coisas para que gestores, professores e alunos invistam nas mudanças em suas atitudes, levando-os a uma reflexão acerca do assunto tratado de forma a mudarem suas formas de agir, pensar e trabalhar. Juntos fica mais fácil caminhar na direção de um mesmo objetivo e assim, encontrarem uma solução para os problemas que porventura tendem a surgir.

Ao se alcançarem essas mudanças no pensar e agir dos atores desse processo muitas mudanças serão percebidas não só no contexto escolar; não somente no que diz respeito a

disciplina de Educação Física mas no desenvolvimento e relacionamento entre os indivíduos - gestores, professores, discentes e demais envolvidos, uma vez que, ao se dar liberdade com responsabilidade as ideias e mentes se “abrem” na direção do novo, na nova forma de planejar pensando no outro, na inovação das metodologias e práticas desenvolvidas para o outro, em um contexto geral e isso só tende a contribuir para o crescimento pessoal e profissional dos entes envolvidos levando-os a um crescimento enquanto aluno, enquanto cidadão, enquanto ser social e sociável.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 15287: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação*. Rio de Janeiro, 2005.

BAEZ, Marcio Alessandro Cossio. Aulas de educação física no ensino médio: motivos para evasão. *Revista Digital*, Buenos Aires, Año 20, Nº 203, abril de 2015. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

BARBIERI, Aline Fabiane et al. *Abordagens, concepções e perspectivas de Educação Física quanto à metodologia de ensino nos trabalhos publicados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Rbce), em 2009*. Motrivivência, Florianópolis, v. 28, n. 31, p.223-240, dez. 2008. Quadrimestral. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2008n31p223/13003>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

BETTI, Mauro Luiz; ZULIANI, Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2002, 1(1):73-81. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT25102010170018.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

BRASIL. Presidente da República. Senado Federal (Org.). *Medida Provisória nº 746, de 2016*. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

BREDA, M. et al. *Pedagogia do esporte aplicada às lutas*. São Paulo: Phorte, 010.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 16 v. (1). p.100.

CORREIA, W. R. Lutas e artes marciais na escola: questões insólitas. In: Colóquio de pesquisa qualitativa em motricidade humana: as lutas no contexto da motricidade, 4.; Simpósio sobre o ensino de graduação em Educação Física: 15 anos do curso de Educação Física da UFSCAR, 3.; Shoto Workshop, 5., 2009, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCar, 2009. CD ROM.

COSTA, Mércia Vitoriano da. Avaliação da aprendizagem em Educação Física: um diálogo junto aos professores participantes do programa institucional de bolsa de iniciação à docência da UFRN. Natal: UFRN, 2015. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1738/1/M%C3%A9rciaVC.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

DEVIDE, Fabiano Pries. As aulas de educação física escolar sobre a ótica de seus atores. *Sprint Magazine*, v. 18, n. 105, (novembro/dezembro, 1999), p. 34-40.

ENGEL, Guido Irineu. *Pesquisa-ação*. Curitiba, Educar, n. 16, p.181-191, 2000.

ESMERALDINO, Henrique Búriço; GRAÇA, Romulo Luiz da. A contribuição da mídia na adesão e aderência à prática de lutas esportivas e artes marciais. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 18, n. 188, p.1-1, jan. 2014. Mensal.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização... juntando cacos, construindo vitrais. Rio Grande do Sul: UNIJUI, [2000]. Disponível em: <http://cirandas.net/articles/0008/6064/sistematizacao_falkembach1.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

FERREIRA, Fabricio Augusto dos Santos; INÁCIO, Laíz Fernanda. *Lutas como conteúdo pedagógico na Educação Física escolar no Ensino Fundamental II*. [S.l.]: UNIFEV, 2012. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/pedrobricio/artigo-corrigido-23-11-1>>. Acesso em: 20 out. 2016.

FERREIRA, Heraldo Simões. A utilização das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física: La utilización de las lutas como contenido en las clases de Educación Física. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 13, n. 130, p.1-1, mar. 2009. Mensal.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Ega, 1996. 90 p.

FUMAGALLI, Dirceu; SANTOS, João Marcelo Pereira dos; BASUALDO, Maria Esther. (Org.) *O que é sistematização? uma pergunta, diversas repostas*. São Paulo, dezembro 2000. Disponível em: <<http://www.cepalforja.org/sistem/bvirtual/wp-content/uploads/2013/11/o-que-e-sistematizacao-uma-pergunta-diversas-respostas.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

LAVOURA, Tiago Nicola; BOTURA, Henrique Moura Leite; DARIDO, Suraya Cristina. Educação física escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. *R. da Educação Física/uem*, Maringá, v. 17, n. 20, p. 203-209, 2006. Semanal. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/3341/2414>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MARQUES FILHO, Cesar Vieira; MARCONATO, Cristina de Vargas; SILVA, Diozar Dalmolin da. Abordagem das aulas abertas na Educação Física escolar: uma revisão de literatura. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 19, n. 196, p.1-1, set. 2014

MARTINEZ, Walkiria; FERRER, Heinrich. *Manual da Pesquisa Científica*. 2016. 55 f. (TCC (Graduação) - Universidade de Marília, Marília, 2016). Disponível em: <http://www.unimar.br/universidade/nap/MANUAL_DE_METODOLOGIA_TCC_UNIMAR.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.

MARTINS, Döring Fabricio; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação física escolar como componente curricular: intenções e impasses = Educación física escolar como componente curricular: intenciones e impasses = Physycal education in school as a curricular componente: intentions and impasses. *Revista Digital*, Buenos Aires, año 13, n. 128, enero de

2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd128/educacao-fisica-escolar-como-componente-curricular.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2016.

MELLES, Carlos. Educação física escolar. *Revista E.F. n.º. 05*, dezembro de 2002. (Entrevista concedida ao Jornal Estado de Minas, 18 de agosto de 2000. Caderno de Esportes). Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3457>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MILLEN NETO, Álvaro Rego et. al. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de educação física. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 115, maio/ago. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Ana%20Neta/Downloads/7559-43747-5-PB.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

MORAES, Sirlândia Gomes de; FERREIRA, Maria Elizabeth. (In)disciplina no contexto escolar: reflexões sobre a escola. Anais: Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino - EDIPE. *Para uma realidade complexa, que escola, que ensino?* Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC, Goiás, maio de 2011. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2012/10/InDisciplina.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

OLIVEIRA, A. A. B. Metodologias emergentes no ensino da Educação Física. *Revista da Educação Física / UEM*, Maringá, Brasil, v. 1, n. 8, p. 21-27, 1997.

PAULA, M. V.; FYLYK, E. T. *Educação Física no ensino médio: fatores psicológicos*. Artigo PUC-PR. Disponível em: <<http://www.ensino.eb.br/portaledu/conteudo/artigo8323.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p. Disponível em: <[http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book Metodologia do Trabalho Cientifico.pdf](http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2016.

RONDINELLI, Paula. Educação física: educação física. *Brasil Escola*. [2000a]. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

_____. Educação física: a estrutura curricular da disciplina de educação física. *Brasil Escola*. [2000b]. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/a-estrutura-curricular-disciplina-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. *Conexões*, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 144-170, mar. 2013. ISSN 1983-9030. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637635/5326>>. Acesso em: 14 nov. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/conex.v11i1.8637635>>.

SILVA, Blayan Robério da; MITHIDIERI, Otavio Barreiros; NOVIKOFF, Cristina. A inclusão das lutas nas aulas de Educação Física escolar. *Revista Digital*. Buenos Aires - Año 19, n. 192, mai. 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2016

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2: a pesquisa científica. 2012. Disponível em: <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09520520042012Pratica_de_Pesquisa_I_Aula_2.pdf>. Acesso em:

SOUZA NETO, Samuel de Souza et. al. Formação inicial e continuada de professores: comunicação científica: a escolha do magistério como profissão. In: Congresso Estadual Paulista sobre formação de educadores. 9. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Ana%20Neta/Downloads/8eixo.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

SOUSA, Manuela Pereira de; RAMOS, Glauco Nunes Souto. Sistematização dos conteúdos de ensino da educação física escolar no ensino fundamental: um estudo de caso. São Paulo: DEFMH/UFSCar, [2010?]. Disponível em: <<http://www.eefe.ufscar.br/upload/SOUSA%20Manuela%20Pereira%20de.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2016.


TENÓRIO, Jederson Garbin e SILVA, Cinthia Lopes da. O desinteresse dos estudantes pelas aulas de Educação Física em uma escola de ensino público do estado de Mato Grosso. *Salusvita*, Bauru, v. 34, n. 1, p. 27-44, 2015. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita_v34_n1_2015_art_02.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2016.

VERONESE, Claudino Domingos. *Sistematização: uma alternativa de investigação aplicada aos processos de mudança social*. Texto de circulação interna Projeto Integral, 1999.

VIEIRA, Claudiomar Antonio; MOREIRA, Vitor Cesar. *Os benefícios da prática do taekwon-do para crianças e adolescentes*. 2008. 8 f. (TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade Assis Gurgacz, Cascavel - Paraná, 2008). Disponível em: <file:///C:/Users/Rafaella/Downloads/BoletimEF.org_Os-beneficios-da-pratica-do-taekwondo-para-criancas-e-adolescentes.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2016.

ANEXOS

Anexo 1

		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DISCENTE: RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE DOCENTE: ANTÔNIO PÁDUA			
		PLANO DE AULA 1			
TURMA 2º Ano	NÍVEL DE ENSINO ENSINO MÉDIO	TURNOS MATUTINO	CARGA HORÁRIA 50 minutos	Nº DE ALUNOS 30	
OBJETIVO Conhecer a história das lutas desde o tempo da antiguidade até os dias atuais, assim como a história do Wrestling e suas características.			TEMA DA AULA Abordagem histórica das lutas		
CONTEÚDO Lutas					
DIMENSÕES DO CONTEÚDO <p>Conceitual: Construir um conceito de luta e briga, definição lutas e artes marciais, abordagem das lutas desde a antiguidade, ano de seu surgimento e etc. Além de abordar a história e características da luta olímpica.</p> <p>Procedimental: Proporcionar aos alunos um maior conhecimento e aprofundamento sobre o conteúdo proposto.</p> <p>Atitudinal: Promover a autonomia em questionar quando necessário assim como promover o respeito a partir dos conhecimentos adquiridos na aula.</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO (MOMENTOS PEDAGÓGICOS) Abordagem Histórica da Lutas As lutas nos Diferentes Espaços Sociais Objetivo da Aula <ul style="list-style-type: none"> ▪ Possibilitar o conhecimento histórico e a vivência das lutas enquanto o conhecimento da cultura corporal historicamente criada e culturalmente desenvolvida pelo homem desde a antiguidade, refletindo sobre os seus conceitos, valores, hábitos e atitudes. Luta ou Briga? Qual a diferença? <ul style="list-style-type: none"> ▪ A briga desumaniza o outro e pode até matar, são ações que ocorrem sem nenhum tipo de regra e respeito. Já a Luta tem uma proposta de combate, de demonstração de habilidades, presença de regras, a meta é vencer. 					

- No livro “The Martial Way and its Virtues”, do taiwanês F. J. Chu, explica: “artes marciais sem compaixão e honra atraem apenas violência. Sem sua espiritualidade, trazem dor e sofrimento tanto para as vítimas como para quem pratica. No fim, é este ideal elevado que separa o guerreiro genuíno do agressor”.

Definição

- A luta pode significar atividades competitivas, terapia, educação, aptidão física, manutenção da saúde, lazer, recreação, programas de inclusão social e técnicas de defesa pessoal.
- Segundo a OTM (2008), luta é uma forma de expressão corporal que representa vários aspectos da vida do homem. A luta precisa ser compreendida desde a busca pela sobrevivência, no que se refere a sua história- passando pelas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas etc.- até uma forma de linguagem transmitida ao ser humano ao longo dos tempos.

Histórico

- Inserção na sociedade e civilizações ao longo do tempo.
- Não importa a esfera social, a faixa etária, o grupo étnico ou o sexo do indivíduo.
- São resultados da ideologia dos seus mestres e da cultura da civilização em que foi criada.
- Na pré-história os homens utilizavam a luta para brigar pela sua sobrevivência. A luta para eles era o meio mais natural e primitivo de ataque e defesa, sua finalidade era submeter, humilhar e até mesmo eliminar os seus adversários ou animais que representassem perigo.
- Muitas Lutas têm raízes na Índia e China.
- Em 776 A.C. na antiga Grécia surgiram os primeiros jogos olímpicos e as lutas que faziam parte eram o boxe, Wrestling e pancrácio.
- Nos circos de Roma aconteciam lutas dos gladiadores, escravos que lutavam até a morte para o entretenimento do público.
- A luta também chamada de Arte marcial (Origem latina e ocidental, se refere a artes de guerra militar) tem alguns princípios básicos: Condicionamento físico, disciplina, respeito, autoconhecimento, autocontrole, tolerância, perseverança, paciência e hierarquia.

Atuação na Sociedade

- Contribui para a inclusão social e possibilitando um aprendizado de uma modalidade de luta.
- Construção de valores como disciplina, respeito com o próximo, concentração, contribui para a saúde e educação.
- Os clubes, academias e afins também promove a inserção das lutas e das suas filosofias, porém com caráter competitivo.
- Podem aparecer em forma de exercícios para o controle de peso e desempenho físico nas academias pelo aeroboxe, tae fit, body combat e outros.
- Hoje em dia se destacam como esportes de competição e razão da grande visibilidade

WRESTLING

- Praticada desde 776 a.C. a luta olímpica é a modalidade mais antiga inclusa nos jogos olímpicos,

tanto os jogos antigos como os da era moderna que começaram a ser realizados desde 1896 na Grécia. Depois dela vieram o judô em 1964 e o tae-kwon-do em 1988.

- A luta ainda esteve presente em grandes eventos históricos de guerra em terras de gregos e romanos da era antiga. As mais tradicionais variações da luta são, o huca huca no Brasil, o beach wrestling na Holanda e o sambô da Rússia.

Wrestling olímpico e seus estilos

Estilo Greco romano

- Ataque somente validado acima da linha da cintura.
- Golpes de maior amplitude e impacto.
- Clinch - realizado na posição de quatro pontos
- Está nos jogos desde 1896.

Estilo Livre

- Ataques validados nas pernas e acima da cintura também.
- Golpes de menor impacto, uso das pernas para golpear.
- Clinch - realizado na posição de pé.
- O estilo foi incluído nos jogos de 1904

Feminino

- O feminino não disputa o estilo Greco, pois os golpes podem vir a ser muito contundentes a mulher.
- A classe feminina foi incluída nos jogos de 2004 em Atenas.

Materiais

- Mat (tapete)
- Lycra/malha
- Sapatilha
- Protetor de orelha

Arbitragem

- Uma área é ocupada por três árbitros que estão distribuídos em três funções, que são elas:
- Arbitro central (bracelete/apito/ponto auricular)
- Chefe de tapete (placas de pontuação)
- Placar (marcação e confirmação eletrônica)

Regras gerais da luta olímpica.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita mediante os comentários e discussão final com os alunos, dialogando sobre o que aprenderam, relacionando com o objetivo da aula e fazendo questionamentos sobre o assunto.

MATERIAL NECESSÁRIO

Sala de áudio visual e computador com retroprojeter

Anexo 2

		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DISCENTE: RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE DOCENTE: ANTÔNIO PÁDUA		
PLANO DE AULA 2				
TURMA 2º Ano	NÍVEL DE ENSINO ENSINO MÉDIO	TURNO MATUTINO	CARGA HORÁRIA 50 minutos	Nº DE ALUNOS 30
OBJETIVO Conhecer sobre as lutas e ampliar o repertório de movimento com atividades lúdicas, assim como as possibilidades de interação com os outros.			TEMA DA AULA Jogos de Oposição e atividades lúdico-esportivas.	
CONTEÚDO Lutas				
DIMENSÕES DO CONTEÚDO <p>Conceitual: Construir um conceito de luta e briga, definição de jogos de oposição, luta e analisar atividades lúdicas no contexto esportivo da luta.</p> <p>Procedimental: Proporcionar aos alunos um aperfeiçoamento da sua agilidade, coordenação e reconhecimento de tempo e espaço. Propor regras e competições.</p> <p>Atitudinal: Promover a autonomia de movimento e criatividade, tornar o aluno capaz de diferenciar a luta de uma briga e proporcionar sentimento de respeito com o próximo.</p>				
METODOLOGIA DE ENSINO (MOMENTOS PEDAGÓGICOS) Roda Inicial (10 minutos) Inicialmente em uma roda inicial questionar os alunos se eles sabem a diferença entre luta e briga, a partir dos conhecimentos prévios deles. Destacar a importância e disseminação da luta no meio social e atual. Discutir o que são jogos de oposição, quais as características, e por que é considerado de oposição. Pedir para elas darem exemplos de esportes com essas características. Perguntar quais as habilidades básicas que existem nas lutas, se sabem o que é competição, questionar o que temos que ter para haver uma competição e por fim explicar as atividades que serão realizadas.				
1ª Etapa (10 minutos) – Balões Estourados Amarrar um fio barbante com um balão cheio no tornozelo de cada aluno. Delimitar a área da atividade. O objetivo é estourar o balão do adversário e ao mesmo tempo proteger o seu balão, evitando e esquivando dos ataques. O jogo será disputado em pé, no caso de queda do parceiro, esperar que o colega levante-se para retomar a ação. Os jogadores não poderão utilizar as mãos, seja para afastar o adversário ou para				

atingir o balão. Posteriormente os alunos serão chamados a apresentarem as dificuldades da atividade e a proporem ideias para um melhor aproveitamento da mesma. De acordo com o que os alunos disserem, a mesma atividade poderá ser proposta em duplas de acordo com o critério de afinidades.

2ª Etapa (10 minutos) – O território

Nesta atividade, os alunos serão divididos em duplas e a área será delimitada. O objetivo é tirar o oponente da área delimitada. Para isso os alunos poderão utilizar de estratégias pensadas por eles mesmos para conseguir o objetivo. A regra principal é não haver golpes bruscos. Com o decorrer da atividade, serão discutidos possíveis regras a fim de conseguir o objetivo mais facilmente, como a mudança de oponente, mudança na delimitação do espaço, tempo e etc.

3ª Etapa (10 minutos) – Pega Rabo

A atividade consiste em os alunos se dividirem em duplas e cada um ficar com um pedaço de tnt preso a calça, em uma área delimitada, os alunos tentam pegar o tnt do outro e ao mesmo tempo proteger o seu, em um tempo determinado. O espaço inicialmente é dito, e ao decorrer da atividade eles mesmo vão mostrando suas dificuldades e propondo novas regras, que ao final facilita a atividade. Ao final de uma partida, sempre reunindo os alunos para possíveis mudanças no jogo.

Roda Final (10 minutos)

Discutir com os alunos o que foi feito na aula, os pontos positivos e negativos, se gostaram das atividades e se tiveram dificuldades. Dialogar se o objetivo da aula foi alcançado. O que poderia ser mudado e explicar o objetivo das atividades realizadas.

AVALIAÇÃO


A avaliação é feita mediante os comentários e discursão final com os alunos, dialogando sobre o que aprenderam, relacionando com o objetivo da aula.

MATERIAL NECESSÁRIO

Quadra, barbante, bolas e encher, pedaço de TNT.

REFERENCIAS

Anexo 3

		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DISCENTE: RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE DOCENTE: ANTÔNIO PÁDUA		
		PLANO DE AULA 3		
TURMA 2º Ano	NÍVEL DE ENSINO ENSINO MÉDIO	TURNOS MATUTINO	CARGA HORÁRIA 50 minutos	Nº DE ALUNOS 30
OBJETIVO Compreender as regras e técnicas da luta Greco Romana e vivenciar de forma adaptada a modalidade através de jogos reconhecendo as principais ações na sua execução.			TEMA DA AULA Luta Olímpica – Luta Greco Romana	
CONTEÚDO Lutas				
DIMENSÕES DO CONTEÚDO Conceitual: Construir um conceito de luta e briga, definição de luta greco romana e analisar atividades adaptadas no contexto conceitual do estilo e luta proposto. Procedimental: Proporcionar aos alunos um aperfeiçoamento da sua agilidade, coordenação e propor regras e competições. Atitudinal: Promover a autonomia de movimento e criatividade e sentimento de respeito com o próximo.				
METODOLOGIA DE ENSINO (MOMENTOS PEDAGÓGICOS) Roda Inicial (10 minutos) Inicialmente em uma roda inicial, retomar com os alunos a diferença entre luta e briga, a partir dos conhecimentos prévios deles e do que foi discutido em aula anterior. Discutir se sabem o que é competição, questionar o que temos que ter para haver uma competição. Explicar a origem, as técnicas e as regras da luta onde o objetivo é imobilizar os dois ombros de um adversário no solo atacando somente o tronco do oponente utilizando as mãos e braços e por fim explicar as atividades que serão realizadas. Ao final da aula, passar os links de vídeos para os alunos assistirem em casa. 1ª Etapa (10 minutos) – Caçando os coelhos Três alunos serão os caçadores que terão o objetivo de capturar os seus companheiros (os coelhos). Os caçadores ficarão em uma zona central no espaço determinado e os coelhos ficarão em uma zona periférica. Ao sinal do professor, os coelhos deverão atravessar a zona dos caçadores para chegar ao lado oposto do				

espaço. Todos devem estar na posição de 4 apoios e a captura se dará quando o caçador colocar as costas dos coelhos no solo. Os alunos não poderão golpear e segurar o pescoço. Os alunos capturados se tornarão caçadores até que reste o último coelho.

2ª Etapa (10 minutos) – “Não deixe sair!”

Nesta atividade, cada aluno escolherá um parceiro. Um parceiro da dupla deita-se de barriga para cima com a cabeça e os ombros encostados no solo e o outro faz a imobilização prévia de sua escolha. Ao sinal do professor, o aluno imobilizado tentará livrar-se da ação do seu companheiro para levantar-se. Não é permitido empurrar o rosto e nem fazer mal ao colega. A duração máxima de cada partida será de 40 segundos. Ao final do tempo estipulado ou com o objetivo alcançado, trocam-se as duplas.

Roda Final (10 minutos)

Discutir com os alunos o que foi feito na aula, os pontos positivos e negativos, se gostaram das atividades e se tiveram dificuldades. Dialogar sobre o objetivo da aula avaliando se o mesmo fora alcançado. Discutir com os alunos as estratégias utilizadas para sair e manter a retenção e imobilização dos seus oponentes. Em seguida, comparar novamente com as fotos da luta Greco-Romana e perguntar se há semelhança nas estratégias ou não.

AVALIAÇÃO

A avaliação consistirá na elaboração dos argumentos onde os alunos apresentarão as semelhanças (girar o oponente, levantá-lo, puxá-lo, segurá-lo...) com a prática da luta Greco romana.


MATERIAL NECESSÁRIO

Tatame.

REFERENCIAS

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=13487>

Anexo 4

		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DISCENTE: RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE DOCENTE: ANTÔNIO PÁDUA			
		PLANO DE AULA 4			
TURMA 2º Ano	NÍVEL DE ENSINO ENSINO MÉDIO	TURNOS MATUTINO	CARGA HORÁRIA 50 minutos	Nº DE ALUNOS 30	
OBJETIVO Compreender as regras e técnicas da luta estilo livre e vivenciar de forma adaptada a modalidade através de jogos reconhecendo as principais ações na sua execução.			TEMA DA AULA Luta Olímpica – Luta Estilo Livre		
CONTEÚDO Lutas					
DIMENSÕES DO CONTEÚDO <p>Conceitual: Construir um conceito de luta e briga, definição de luta de estilo livre e analisar atividades adaptadas no contexto conceitual do estilo e luta proposto.</p> <p>Procedimental: Proporcionar aos alunos um aperfeiçoamento da sua agilidade, coordenação e propor regras e competições.</p> <p>Atitudinal: Promover a autonomia de movimento e criatividade e sentimento de respeito com o próximo.</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO (MOMENTOS PEDAGÓGICOS) <p>Roda Inicial (10 minutos) Inicialmente em uma roda inicial, retomar com os alunos a diferença entre luta e briga, competição e explicar as técnicas e as regras desse estilo onde se tem o mesmo objetivo da luta Greco romana, porém é permitido utilizar e atacar as pernas do adversário. Por fim explicar as atividades que serão realizadas.</p> <p>1ª Etapa (10 minutos) – Caçando os coelhos Três alunos serão os caçadores que terão o objetivo de capturar os seus companheiros (os coelhos). Os caçadores ficarão em uma zona central no espaço determinado e os coelhos ficarão em uma zona periférica. Ao sinal do professor, os coelhos deverão atravessar a zona dos caçadores para chegar ao lado oposto do espaço. Todos devem estar na posição de pé e a captura se dará quando o caçador conseguir capturar as pernas dos coelhos e derrubá-los no solo. Os alunos capturados se tornarão caçadores até que reste o último coelho.</p>					

2ª Etapa (10 minutos) – Não deixe levantar

Nesta atividade, cada aluno escolherá um parceiro. Os dois devem ficar de costas um para o outro e com seus braços entrelaçados. Ao sinal do professor, eles devem se levantar e tentar suspender o colega do chão e tirá-lo do lugar. Quem alcançar o objetivo da atividade primeiro, vence a partida. Não é permitido empurrar ou jogar o colega. A duração máxima de cada partida será de 40 segundos. Ao final do tempo estipulado ou com o objetivo alcançado, trocam-se as duplas.

Roda Final (10 minutos)


Discutir com os alunos o que foi feito na aula, os pontos positivos e negativos, se gostaram das atividades e se tiveram dificuldades. Dialogar se o objetivo da aula foi alcançado. Discutir com os alunos as estratégias utilizadas para não ser golpeado pelas pernas e manter-se ao chão. Em seguida, comparar novamente com a luta Estilo Livre e perguntar se há semelhança nas estratégias ou não.

AVALIAÇÃO

A avaliação consistirá na elaboração dos argumentos onde os alunos apresentarão as semelhanças a prática desse estilo.

MATERIAL NECESSÁRIO

Tatame.

		UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DISCENTE: RAFAELLA DE OLIVEIRA LEITE DOCENTE: ANTÔNIO PÁDUA		
		PLANO DE AULA 5		
TURMA 2º Ano	NÍVEL DE ENSINO ENSINO MÉDIO	TURNO MATUTINO	CARGA HORÁRIA 50 minutos	Nº DE ALUNOS 30
OBJETIVO Vivenciar atividades competitivas através de jogos que remetem a luta olímpica, adaptando as regras e técnicas da luta para uma experiência mais tática.			TEMA DA AULA Jogos de luta - Luta Olímpica	
CONTEÚDO Lutas				
DIMENSÕES DO CONTEÚDO <p>Conceitual: Construir um conceito de competição, definição de competição e de jogos analisando as atividades adaptadas.</p> <p>Procedimental: Proporcionar aos alunos um aperfeiçoamento nas habilidades que atividades competitivas exigem, ou seja, agilidade, coordenação e propor regras.</p> <p>Atitudinal: Promover a autonomia de movimento, criatividade e sentimento de respeito com o próximo, saber ganhar, mas também saber perder quando necessário.</p>				
METODOLOGIA DE ENSINO (MOMENTOS PEDAGÓGICOS) <p>Roda Inicial (10 minutos)</p> <p>Inicialmente em uma roda inicial, retomar com os alunos o que foi visto nas aulas anteriores, desde a primeira aula de conceitos e história das lutas até a aula que antecede esta, as características e estilos da luta olímpica. Retomar as regras, técnicas de cada estilo e se lembram o que seria competição apontando as características. Depois dessa conversa inicial, perguntar a turma quem assistiu os vídeos passados, ao qual mostravam a prática da luta olímpica de forma competitiva. Quem tiver assistido, poderá mostrar aos colegas ou mesmo dizer um golpe, detalhe ou algo que chamou atenção dos mesmos. Por fim, explicar o que será feito em aula.</p> <p>1ª Etapa (10 minutos) – Cabo de guerra</p> <p>A turma será dividida em duas equipes de quinze integrantes para cada lado em um espaço delimitado. Será utilizado uma corda grande com a marcação de uma faixa no meio dessa corda. Os alunos irão competir</p>				

com a equipe adversária puxando a corda para seu respectivo lado até que um componente do time adversário ultrapasse a linha demarcada no chão. Se tornando vencedora. Os alunos irão vivenciar essa atividade de forma tradicional da brincadeira cabo de guerra, porém depois sugerir que os mesmos fiquem de joelhos e posteriormente debater se a mudança de posição melhorou ou piorou a atividade, quais as sugestões que eles poderiam dar para melhorar o equilíbrio e força.

2ª Etapa (10 minutos) – Golpeando a perna do adversário

Nesta atividade, cada aluno escolherá dois parceiros. Um aluno de frente a outro e outro aluno como árbitro, marcando o tempo da partida. Os adversários em um espaço delimitado, tentarão golpear a perna do adversário em um menor tempo possível. Serão feitas 4 partidas. O participante que ganhar mais partidas será o vencedor, ficando este para competir com o outro aluno que antes era o árbitro. O ganhador desta lutará com os ganhadores dos outros trios e assim por diante. Até chegar ao ganhador final. Ao longo da atividade debater com os alunos as dificuldades enfrentadas, o que poderia mudar na atividade e outra forma de adaptação da atividade com relação as técnicas da luta olímpica.

3ª Etapa (10 minutos)

Os alunos ainda em trio, iram agora praticar todas as técnicas lembradas e vistas em aulas anteriores. Sendo dois adversários e um árbitro, fazendo o rodízio posteriormente, da mesma maneira da atividade anterior. O árbitro irá fazer todas as marcações e seguimentos de regras na atividade, com ajuda do professor. Os alunos escolhem o estilo a ser trabalhado.

Roda Final (10 minutos)

Discutir com os alunos o que foi feito na aula, os pontos positivos e negativos, se gostaram das atividades e se tiveram dificuldades. Debater se o objetivo da aula foi alcançado, discutir com os alunos as estratégias utilizadas nas atividades. Para o primeiro, segundo e terceiro lugar serão dados recompensas de participação.

AVALIAÇÃO

A avaliação é feita mediante os comentários e discursão final com os alunos, dialogando sobre o que aprenderam diante das aulas ministradas.

MATERIAL NECESSÁRIO

Tatame, corda, apito, Recompensa (chocolate) para os ganhadores.